

# *O ENSINO DE JORNALISMO NO PARANÁ: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI*

THE TEACHING OF JOURNALISM IN PARANÁ: CHALLENGES FOR THE 21ST  
CENTURY

LA ENSEÑANZA DEL PERIODISMO EN PARANÁ: DESAFÍOS PARA EL SIGLO 21

**Luis Otávio Dias**

Jornalista, doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
[fototavio@yahoo.com.br](mailto:fototavio@yahoo.com.br).

**Rosa Maria Cardoso Dalla Costa**

Mestre em educação pela UFPR (Universidade Federal do Paraná), doutora em Ciência da Informação e da Comunicação pela Paris VII –(Université Vincennes- Saint Denis) e pós doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Maison Des sciences de l’Homme (MSH Paris Nord).  
[rmdcosta@uol.com.br](mailto:rmdcosta@uol.com.br)

## **RESUMO**

Este artigo apresenta as primeiras reflexões sobre projeto de pesquisa que tem como objetivo analisar o ensino do jornalismo no estado do Paraná, na região sul do Brasil. Esse estudo está em andamento no programa de doutorado em Educação da Universidade Federal do Paraná e dará importante contribuição à atividade acadêmica desenvolvida em conjunto com a Universidade de Lyon II, na França, cujo tema é o das Novas Práticas Jornalísticas. Pretende-se com a proposta esboçar as características do ensino de jornalismo das universidades públicas e particulares, considerando as práticas pedagógicas frente às Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação e a formação do profissional para o século XXI. Isso tem exigido cada vez preparado do jornalista para um mercado de trabalho de multiplataformas, com novas possibilidades de publicações e acesso ilimitado de leitores à informação. Nessa fase inicial, a pesquisa concentra-se em problemas-chave, como analisar as matrizes curriculares dos cursos de jornalismo das universidades; identificar disciplinas que preparem o aluno para atuar em um ambiente tecnológico; domínio de técnicas e ferramentas do jornalismo digital; e observar as práticas jornalísticas no cotidiano das empresas de comunicação paranaenses. Considera-se, ainda, que a presente pesquisa encontra um cenário de incertezas e inquietações, no momento em que as instituições de ensino superior enfrentam a difícil tarefa de elaborar um projeto pedagógico de acordo com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo. Tais diretrizes foram homologadas pelo Ministério da Educação, em setembro de 2013, com prazo de implantação até 2015.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Comunicação. Tecnologias. Currículo. Universidades.

#### **ABSTRACT**

This article presents the first reflections on a research project that aims to analyze the teaching of journalism education in Paraná state in southern Brazil. This study is currently in progress in the doctoral program in Education at Universidade Federal do Paraná and it will provide important contribution to the academic activity developed jointly with the University of Lyon II, France, whose theme is the New Journalistic Practices. The aim of the proposal is to outline the characteristics of the teaching of journalism in public and private universities, considering the pedagogical practices in relation to the New Information and Communication Technologies and the professional education for the twenty-first century. This has increasingly required a journalist prepared for a multi-platform labor market with new possibilities for publications and unlimited access to information by the readers. In this initial phase, the research focuses on key issues such as analyzing the curriculum matrices of journalism courses of universities; identifying courses that prepare students to work in a technological environment; mastery of the digital journalism techniques and tools; and observing the journalistic practices in the daily communication companies in Paraná. It is further understood that this research finds a scenario of uncertainty and concerns at the time that higher education institutions face the difficult task of drawing up an educational project in accordance with the new National Curriculum Guidelines for undergraduate degree in Journalism. These guidelines were approved by the Ministry of Education in September 2013, with the deadline for deployment by 2015.

**Key words:** Journalism. Communication. Technologies. Curriculum. Universities.

#### **RESUMEN**

Este artículo presenta algunas reflexiones que tienen como objetivo analizar la enseñanza del periodismo en el estado de Paraná, en la región sur de Brasil. Este estudio está en curso en el programa de doctorado en educación de la Universidad Federal de Paraná y dará importante contribución a la actividad académica desarrollada en conjunto con la Universidad de Lyon II, en Francia, destinada al tema de las Nuevas Prácticas Periodísticas. Se pretende con la propuesta esbozar las características de la enseñanza de periodismo en las universidades públicas y privadas, considerando las prácticas pedagógicas frente a las Nuevas Tecnologías de la Información y de la Comunicación y a la formación del profesional para el siglo 21, que, cada vez más, requiere un periodista preparado para un mercado de trabajo de multiplataformas, con nuevas oportunidades para las publicaciones y acceso ilimitado de los lectores a la información. En esta fase inicial, la investigación se centra en temas clave, cómo analizar las matrices curriculares de los cursos de periodismo de las universidades; identificar las disciplinas que preparan al estudiante para actuar en un entorno tecnológico, y emplear técnicas y herramientas del periodismo digital; y observar las prácticas periodísticas en las actividades cotidianas de las empresas de comunicación paranaenses. Se cree que la investigación actual es un escenario de incertidumbres y preocupaciones, en el momento en el que las instituciones de educación superior se enfrentan a la difícil tarea de la elaboración de un proyecto pedagógico de acuerdo con las nuevas Directrices Curriculares Nacionales para el curso de licenciatura en Periodismo, aprobadas por el Ministerio de Educación, en septiembre de 2013, con plazo límite para la implementación en el año 2015.

**PALABRAS-CLAVE:** periodismo; comunicación; tecnologías; currículo; universidades.

#### **INTRODUÇÃO**

A Comunicação está em constante transformação. Os canais de acesso à informação se multiplicaram e a rede mundial de computadores possibilitou que cada cidadão/espectador também seja um difusor de conteúdos e formador de opinião. O

debate sobre as influências e consequências do uso de novos canais de comunicação na internet faz parte do futuro do ensino de Jornalismo nas universidades. Estudos recentes mostram a necessidade de ampliar e aprofundar as pesquisas sobre o tema, em um cenário de grande oferta de vaga para cursos de graduação em jornalismo. A formação do profissional jornalista tem recebido atenção de pesquisadores na área da comunicação social no Brasil e no exterior. Analisar os desafios do ensino do jornalismo no Paraná é um dos principais objetivos do projeto de pesquisa em questão, do doutorado em Educação da Universidade Federal do Paraná, iniciado no último mês de abril. Estendem-se a esse estudo acompanhar e servir de apoio ao projeto em curso criado por um convênio entre a Universidade Federal do Paraná e Universidade de Lyon II, sobre “Novas Práticas Jornalísticas”.

Torna-se relevante fazer uma reflexão sobre o uso de novas tecnologias no ensino de jornalismo, considerando as adaptações das práticas pedagógicas frente ao cenário que se apresenta; ao aluno, que traz consigo uma carga de conhecimento e interatividade acumulados; e os desafios do educador para suprir a demanda de uma sociedade da informação. Soma-se a essas indagações o amplo debate que se faz, nesse momento, entre professores de jornalismo em todo Brasil, sobre as novas diretrizes curriculares para o curso, aprovadas pelo Ministério da Educação, em setembro de 2013.

Todo esse processo faz parte de um desafio de análise empírica e epistemológica, de delimitação da área e de elementos constituintes desse sistema que envolve a cultura escolar, a comunicação e a educação.

O projeto de pesquisa busca fazer um levantamento da adequação dos cursos de jornalismo das universidades públicas e particulares do Paraná, tendo em vista seu comportamento diante dos novos modelos tecnológicos de comunicação. Nessa etapa inicial optou-se como metodologia realizar uma pesquisa documental sobre as matrizes curriculares dos cursos de jornalismo para verificar se o projeto de ensino incorporou a comunicação digital como disciplina. Pretende-se também fazer uma análise comparativa entre as instituições para alcançar uma amostra de como o ensino de jornalismo, no Paraná, está respondendo ao avanço tecnológico e às práticas da comunicação na internet.

Junta-se aos elementos desse projeto de pesquisa a relação das instituições públicas (estaduais e federais) e particulares paranaenses que oferecem cursos de graduação de Comunicação Social ou Jornalismo. Conforme consta na página na internet do Ministério da Educação (MEC), foram encontradas 10 nomenclaturas diferentes para os cursos de Comunicação em cerca de 32 instituições de ensino superior. A partir dessa coleta de dados, foi necessário fazer um recorte sobre esse grupo de cursos, delimitando apenas as graduações das instituições que se configuram como universidades, para fazerem parte do campo da pesquisa. Atualmente estão em operação no Paraná, 22 cursos de graduação em jornalismo, segundo dados do Sindicato dos Jornalistas do estado. Farão parte da pesquisa oito universidades.

As públicas são: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - UEPG e a UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO.

As privadas são: UNIVERSIDADE POSITIVO - UP, UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ – UTP, a PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ – PUC/PR e a UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ – UNOPAR.

## **AS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES**

Em 13 de setembro de 2013 o ministro da Educação, Aloízio Mercadante, homologou o texto as Novas Diretrizes Curriculares para os cursos de Jornalismo e Relações Públicas no Brasil. O texto assinado é resultado de um longo processo de discussão que como relato acima iniciou em 2009 a partir da formação de uma comissão de especialistas da área, cujo principal objetivo era aproximar a metodologia do ensino à prática exercida no mercado.

Resultado de um processo de lutas dos sujeitos envolvidos – profissionais e professores e suas respectivas entidades representativas – essas novas diretrizes trazem como principais mudanças a separação das habilitações de Jornalismo, relações Públicas e Publicidade e Propaganda, que até então conviviam organicamente no Curso de Comunicação Social. A partir delas é criado o Bacharelado em Jornalismo, ou seja, as

antigas habilitações são separadas em cursos distintos. O Trabalho de conclusão de Curso (TCC) que antes era feito em grupo, passa a ser individual. O estágio também passa a ser obrigatório, evidenciando uma tendência do ensino para as atividades prático-profissionais,

Embora amplamente discutidas não apenas no meio acadêmico, mas também profissional, a implantação das Novas Diretrizes colocam desafios de ordem institucional, operacional e conceitual aos cursos de Comunicação Social de todo o país

As Novas Diretrizes Curriculares apresentam seis eixos fundamentais: fundamentação humanística, fundamentação específica, fundamentação contextual, formação profissional, aplicação processual e prática laboratorial. As matrizes curriculares dos cursos devem ser construídas a partir desses eixos, devem promover um maior equilíbrio entre teoria e prática e possibilitar aos alunos contato com sua realidade desde o primeiro ano do curso.

Eduardo Meditsch, jornalista, professor universitário e pesquisador do ensino de jornalismo, afirmou durante fórum na ECA (Escola de Comunicação e Arte de São Paulo)<sup>1</sup> que os cursos devem formar profissionais com capacidades técnicas, teóricas e tecnológicas de forma balanceada e que a prática deve ser mais valorizada durante a graduação. “O papel de formar acadêmicos”, disse ele, “é para a pós-graduação.”

Para o também professor e pesquisador, Sérgio Mattos<sup>2</sup>, as Novas Diretrizes apontam para um novo perfil profissional do jornalista, em função da descaracterização do curso ao longo do seu percurso histórico e, sobretudo, às mudanças tecnológicas. Mattos explica que o perfil do egresso do curso é:

o jornalista profissional diplomado, com formação universitária ao mesmo tempo generalista, humanista, crítica e reflexiva. Esta formação o capacita a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, dando conta, por um lado, da complexidade e do pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas e, por outro, dos 17 fundamentos teóricos e técnicos especializados. (...) Dentro deste perfil destacam-se as competências cognitivas, pragmáticas e comportamentais. (MATTOS, 2014, *online*).

---

<sup>1</sup> SAKATA, Letícia. Fórum na ECA debate Novas Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Jornalismo. Disponível em [www5.usp.br](http://www5.usp.br). Educação 24/02/2014. Acesso em 08/06/2014.

<sup>2</sup> MATTOS, Sérgio. Entrevista: Os desafios das novas diretrizes do Curso de Jornalismo. In Observatório da Imprensa, por IHU online em 28/01/2014, edição 783.

Sintetizando as três competências, o autor explica que além de conhecer a história, os fundamentos e os cânones profissionais do jornalismo, o jornalista deve compreender as especificidades éticas, técnicas e estéticas do jornalismo, além de entender o funcionamento de todas as instituições e as influências no contexto em que o exercício do jornalismo é praticado. No tocante às competências pragmáticas, Mattos afirma que se espera do jornalista saber contextualizar, interpretar e explicar informações atuais, agregando-lhes elementos da realidade. Diz ele ainda:

“espera-se que o jornalista saiba propor, planejar, executar e avaliar projetos na área, além de dominar metodologias jornalísticas de apuração, depuração, aferição, produção, edição, difusão e conhecer conceitos e dominar técnicas dos gêneros jornalísticos; além disso, deve dominar a linguagem midiática, formatos discursivos e o instrumental tecnológico – hardware e software – utilizado na produção jornalística” (MATTOS, 2014, *online*).

Finalmente, para o autor, no que se refere às competências comportamentais, o profissional jornalista deve identificar, estudar e analisar as questões éticas e deontológicas do Jornalismo, bem como deve conhecer e respeitar os princípios e as normas deontológicas da profissão para avaliar as razões e os efeitos das ações jornalística.

Em relação às Novas Práticas Jornalísticas, Mattos afirma que com a tecnologia digital, a apuração de pautas foi agilizada devido ao acesso à informação proveniente de diversas fontes. Isso obriga os cursos de jornalismo a repensarem a formação desse profissional para que ele possa ser capacitado para trabalhar em redações híbridas, graças à convergência midiática, produzindo conteúdos, simultaneamente, para vários veículos e em diferentes plataformas.

Aprovadas no final de 2013, essas Novas Diretrizes Curriculares para o Curso de Jornalismo devem entrar em vigor em todo território nacional a partir de 2015, o que representa uma série de desafios a serem enfrentados concretamente pelos cursos de jornalismo em funcionamento em todo o país. A seguir, apresenta-se uma análise da realidade dos cursos de jornalismo no estado do Paraná.

## O ENSINO DE JORNALISMO NO PARANÁ

A criação dos cursos de jornalismo no estado do Paraná, região Sul do Brasil, ocorre num contexto de rápida expansão dos meios de comunicação, em especial a televisão, introduzida no país pelas mãos do pioneiro Assis Chateaubriand. Jornais impressos, rádios e as primeiras emissoras de televisão passam a ver o jornalista como peça fundamental de suas novas estruturas de produção que importam modelos estratégicos de multinacionais, principalmente norte americanas.

O surgimento dos cursos de jornalismo no Paraná funde-se à história da profissão no Brasil. O estado do Paraná ganha seu primeiro curso de jornalismo em 1956, pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/PR) ligado ao curso de Filosofia, seguido pela Universidade Federal (UFPR), que implantou o seu curso, em 1964. A Universidade Estadual de Londrina (UEL) é a terceira instituição a ter curso de jornalismo, em 1974. É apenas na década de 1990 que outros cursos são criados na capital e no interior do estado. Atualmente, o Paraná tem quatro universidades públicas federais: a UFPR, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a Universidade Latino-Americana (Unila) e a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); sete universidades públicas estaduais: a UEL, a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a Universidade Estadual de Maringá (UEM), a Universidade Estadual do Centro-oeste (Unicentro), a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), a Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), a Universidade Estadual do Paraná (Unespar), pelo menos cinco grandes universidades privadas<sup>3</sup>, além de diversas faculdades isoladas e alguns centros universitários.

A oferta de vagas para o curso de graduação na área é uma das mudanças ocorridas a partir da década de 1990, quando há um aumento significativo da oferta de vagas nos cursos de graduação em Comunicação Social, que trouxe consequências também para o mercado profissional da área em todo o Brasil e ganha contornos peculiares nas suas diversas regiões e estados.

---

<sup>3</sup> Em Curitiba estão situadas a Universidade Positivo (Unicamp); Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). No interior do estado tem ainda: a Unopar (Universidade do Norte do Paraná), a Unipar (Universidade Paranaense, situada em Cascavel).

A participação do jornalista no mercado de trabalho paranaense tem sua história anterior a essa época e mostra que o exercício profissional antecede aos cursos de graduação na área. O Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Sindijor/PR) tem um histórico de lutas em defesa dos direitos dos jornalistas e da liberdade da imprensa, desde 1945, ano de sua fundação. Os jornalistas realizaram a sua primeira greve trabalhista em 1963. A história do sindicato tem reflexos diretos nas configurações das empresas de comunicação e no governo vigente.

Com o golpe militar no Brasil de 1964, o movimento sindical no Paraná foi interrompido brutalmente. O relato consta em documento do Sindijor, no caderno de teses, apresentado no 7º Congresso Paranaense dos Jornalistas, realizado em março de 2014. De 1970 a 1988 a atividade sindical dos jornalistas não se mostrou efetiva, frente ao momento do sindicalismo brasileiro, fato que se constata pelo pouco debate político e o afastamento dos trabalhadores, pela falta de atenção às disputas em torno da mobilização em torno das campanhas salariais (SINDIJOR/PR, 2104).

A década de 1990 se mostra como uma época de avanço com a interiorização do momento sindical dos jornalistas. Apesar das pressões e dificuldades dos anos 2000, com o desrespeito à Convenção Coletiva, demissões e flexibilização dos direitos dos profissionais, o Sindijor/PR se mantém ativo e é referência em ações como os prêmios Sangue Novo e Sangue Bom, para alunos e profissionais da área.

## **MATRIZES CURRICULARES**

Com base em um levantamento sobre as matrizes curriculares dos cursos de jornalismo das universidades participantes da pesquisa, entre públicas e privadas, é possível traçar um perfil preliminar de cada curso, sua organização curricular e o projeto pedagógico, de acordo com o modelo do sistema acadêmico adotado, carga horária e oferta das disciplinas. Nesse primeiro estudo exploratório, destacou-se especialmente a inclusão de estudos relacionados às Tecnologias de Informação e Comunicação, avaliando a quantidade de disciplinas voltadas exclusivamente ao tema.



Essa análise está fundamentada nas informações disponíveis nas páginas da internet de cada instituição, dos referidos cursos. Os dados estavam incompletos e foram feitos contatos por telefone e e-mail. Dessa forma foi possível constatar, com base nos textos de apresentação dos cursos, quais são as propostas das universidades para o item “tecnologias”.

A diversidade de informações que cada instituição disponibiliza na internet e o direcionamento das ações e objetivos do curso não devem ser ignorados, uma vez que, da forma como se apresentam, dizem muito sobre a cultura do ensino de jornalismo.

Em suas páginas na internet, as universidades pesquisadas trazem detalhes sobre o curso de jornalismo e a formação do aluno. Percebe-se, no entanto, que, embora algumas ofereçam disciplinas voltadas ao jornalismo web/digital, nem todas as instituições exploram nos textos de apresentação do curso as tecnologias ou a formação voltada para o ambiente digital, um universo de trabalho que exige, cada vez mais, um profissional multimeios, familiarizado com as multiplataformas.

Ferrari (2012) destaca que as coberturas jornalísticas necessitam de um profissional atento às constantes mudanças sociais e tecnológicas e também às demandas das redações que evoluíram, se modificaram, para atender leitores cada vez mais exigentes que, segundo a autora, visitam portais de comunicação em busca de conteúdos, mais que serviços. Os elementos que compõem o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa – textos, fotos e gráficos. Pode-se adicionar sequências de vídeo, áudio e ilustrações animadas” (FERRARI, 2012, p. 39).

Esses conteúdos estão disponíveis em novos meios, estão presentes nas redes sociais, em comunidades no *Facebook*, trafegam pelo *Twitter*, *blogs*, fóruns e sites de notícias. O acesso a essas ferramentas também se multiplicou, está nas mãos dos leitores, por meio de diversos meios: telas de computadores, *notebooks*, *netbooks*, *smartphones* e *lpads*.

Então, qual o desafio do jornalista digital? De acordo com Ferrari (2012, p. 40) “os desafios estão relacionados à necessidade de preparar as redações como um todo, e aos jornalistas em particular, para conhecer e lidar com essas transformações sociais”.

Eugênio Bucci<sup>4</sup> diz que é preciso dar ênfase na formação profissional como meio de enfrentar a nova realidade do mercado de comunicação, de que as velhas nomenclaturas (jornalismo impresso, radiofônico, televisivo) perdem sentido diante da nova realidade digital (COSTA, 2008).

Meditich (2012) sinaliza que receptores e emissores encontram-se em um mesmo patamar e que o “fazer jornalismo” enfrenta turbulências no mundo contemporâneo, comprometendo, por exemplo, a realização de uma reportagem com profundidade, sem acesso a fontes para entrevista.

“Há de fato novas possibilidades de publicação que são abertas a quase todos, mas o alcance destas publicações depende de muitos fatores. As pessoas [...] não têm o treinamento teórico e técnico necessário para garimpar informações, selecioná-las, testá-las, avalizá-las e apresentá-las ao público em tempo hábil e de maneira atrativa, que é o que faz o bom jornalismo (MEDITSCH, 2012, p. 22).

A constatação do autor requer mudanças e investigação. Meditsch eleva esse problema ao papel pedagógico do ensino e da função do jornalismo em mediar esse processo.

Por isso a mediação do Jornalismo continuará existindo, ainda que necessariamente adaptada a um novo contexto, assim como continuará existindo a mediação do professor, num ambiente em que todo conhecimento humano teoricamente também já pode ser acessado sem ela. Ambas as mediações – dos jornalistas e dos professores – seguirão sendo úteis e necessárias na prática, mesmo que subestimadas por algumas visões teóricas (MEDITSCH, 2012, p. 22).

São desafios que também se estendem aos cursos de jornalismo do Paraná. As matrizes curriculares pesquisadas estão organizadas de acordo com as especificidades de cada curso e revelam fortemente a preocupação com uma formação humanística e de um profissional sintonizado com um mundo globalizado. Nessa fase da pesquisa foram identificadas as disciplinas que trabalham com as tecnologias pelo nome atribuído a elas, uma vez que, na área reservada às informações sobre o curso de jornalismo, nem todas as universidades informam a ementa de cada disciplina. Todos os cursos têm duração de

---

<sup>4</sup> Jornalista, doutor em Ciências da Comunicação e artes da Universidade de São Paulo (USP).

quatro anos, podendo ser concluídos em sete ou oito anos, se for necessário. Os dados desse levantamento estão em fase de análise, para serem apresentados na sequência da elaboração do projeto.

## **OS DESAFIOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO**

Pesquisas sobre as mudanças que a internet trouxe para a comunicação e, conseqüentemente, para o ensino de jornalismo estão interferindo no ambiente acadêmico de forma consistente, tamanha a relevância do desafio que se apresenta ao professor de formar jornalistas preparados para uma nova rotina de trabalho.

A interatividade, ponto de convergência entre a imprensa tradicional e a internet, permite que as pessoas opinem sobre tudo o que acontece. As novas mídias estão presentes em todas as áreas de atuação, na televisão, no rádio, no jornal impresso. O ambiente web agrega o vídeo, o áudio, o texto, a foto, em uma única plataforma.

As reflexões sobre o tema buscam responder o papel dos meios de comunicação, o desempenho da imprensa e a formação do jornalista na era digital. Para traçar um perfil dessas perspectivas propõe-se uma revisão de literatura com Castells, Lévy e Meyer. Compreender o processo de desenvolvimento da sociedade da informação e sociedade do conhecimento, onde os meios de comunicação tem papel preponderante, conduz à elaboração da proposta.

O processo histórico da mídia esta presente em Briggs e Burke, “mostrando a importância do passado em relação ao presente, trazendo a história para o interior dos estudos de mídia, e a mídia para o interior da história” (Briggs, Burke, p. 11, 2004).

Pensar o ensino de jornalismo no campo da educação e da comunicação provoca um impacto sobre os saberes da cultura escolar, uma vez que frente aos desafios está a mudança de metodologia.

Forquim (1993, p. 10) diz ser necessário reconhecer que “se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimento, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama de “conteúdo” da educação”.

Ao levar em consideração o sentido da palavra cultura, para inseri-la de forma hegemônica na escola, Lopes (1999, p. 64) explica a necessidade de delimitar as categorias cultura, saber e conhecimento, com o objetivo de compreender e legitimar as características do conhecimento escolar. Essa transmissão cultural é colocada por Forquim (1993, p. 9) como um dos problemas da educação e que esse dilema passa pelo conteúdo pedagógico e interpela a identidade dos professores, já que não há ensino sem o reconhecimento, por parte daqueles a quem o ensino é dirigido.

A internet colocou em evidência a liberdade de expressão das pessoas, o compartilhamento da informação, a comunicação instantânea, praticamente ao vivo, permitindo que o emissor se faça sempre presente. Wolton (2006) alerta para a necessidade de saber se comunicar, pois “hoje todo mundo quer comunicar e ter acesso às ferramentas mais performáticas; todo mundo quer experimentar essa busca do outro que a comunicação significa em primeiro plano” (WOLTON, 2006, p. 12). De outro modo o autor chama a atenção sobre a liberdade que todos temos de nos expressar.

Todo mundo tem algo a dizer e o direito de se expressar. Mas expressar-se não basta para garantir a comunicação, pois deixa de lado a segunda condição da comunicação: saber se o outro está ouvindo e se está interessado no que digo...E se responder, isto é, se por sua vez se expressar, será que eu estou pronto para ouvi-lo? (WOLTON, 2006, p. 14)

Com as redes sociais, agentes políticos devem estar muito mais atendo à questão do *feedback*, pois seus seguidores, eleitores, que formam um grande banco de dados, estão sempre aguardando um retorno sobre a comunicação que existe entre eles. Estamos tratando de emissor, mensagem e receptor, que, hoje, não fica apático ao que recebe, mas retorna com sua opinião, comentário, indagação. Somente a informação não é suficiente para se comunicar, na opinião de Wolton (2006). Para ele, a informação está ligada à mensagem, e informar é distribuir essa mensagem de forma livre.

Comunicar, portanto, não é apenas produzir informação e distribuí-la, é também estar atento às condições em que o receptor a recebe, aceita, recusa, remodela, em função de seu horizonte cultural, político e filosófico, e como responde a ela. A comunicação é sempre um processo mais complexo que a informação, pois se trata de um encontro com um retorno e, portanto, com um risco. Transmitir não é sinônimo de comunicar. (WOLTON, 2006, p. 16).

Geneviève Jacquinet-Delaunay<sup>5</sup>, estudiosa e pesquisadora francesa, especialista no uso de tecnologias na escola, tendo a televisão seu principal objeto de pesquisa, faz importante análise que contribui paralelamente ao projeto proposto.

Jacquinet-Delaunay (2008) sinaliza que as principais características das tecnologias de informação e comunicação são o acesso direto e rápido a uma grande quantidade de dados; a mistura e manipulação de novas possibilidades de articulação; a simulação de situações do mundo real mediante mundos virtuais ou realidades virtuais; e a interatividade. “A interatividade atenua a separação clássica entre a postura do autor e aquela do leitor, e o utilizador pode ser sucessivamente emissor e receptor, aquele que produz e que reage” (JACQUINOT-DELAUNAY, 2008, p. 274).

As pesquisas sobre o uso educativo dos meios também recebem a contribuição de Dalla Costa (2008), ao apresentar relatos de estudos na escola com foco nas relações entre educação e comunicação.

De uma maneira geral, a grande questão que se coloca é a de analisar como a escola (professores e alunos) está lidando com a presença hegemônica dos meios de comunicação de massa na sociedade brasileira e de que maneira essa presença se manifesta nas suas práticas cotidianas e interfere ou não no processo de ensino e aprendizagem (DALLA COSTA, 2008, p. 110).

Podem-se transferir para o ambiente universitário comprovações sobre a pesquisa em comunicação em fases anteriores ao ensino. Há um consenso entre pesquisadores e estudiosos de que o ambiente escolar se tornou um campo vasto para a pesquisa em comunicação, aberta a novas possibilidades de investigação, experimentações e de mediações.

---

<sup>5</sup> Professora emérita em Ciências da Educação, especialista em Mídia, Educação e Formação; e ex-vice-presidente da Universidade Paris VIII, titular da Cátedra da Unesco de Formação a Distância e chefe de redação da Revista *Média Morphoses*, editada pelo Instituto Nacional do Audiovisual e por A. Colin.

É um local em que também se permitem aproximações com outras disciplinas, abrindo canal para o avanço de novas epistemologias e manifestações culturais distintas. Esses apontamentos ficam evidentes quando se propõe a pesquisar modelos de práticas pedagógicas com novas tecnologias de informação e comunicação.

## **REDE EM EXPANSÃO**

A 13ª edição da pesquisa “F/Radar - Panorama do Brasil na Internet” realizada pela F/Nazca & Saatchi em parceria com o Instituto Datafolha, divulgada em outubro de 2013, mostrou que o Brasil é um país de 84 milhões de brasileiros na internet, considerados os usuários acima de 12 anos. A pesquisa fez um levantamento da evolução da penetração da internet entre os brasileiros e o crescente uso da internet móvel entre seus usuários. Sobre esse último item, já somos 43 milhões de brasileiros acessando a internet por aparelhos móveis. Traz ainda que o celular é uma porta de entrada para a rede, já que 41 milhões de pessoas acessam a internet pelo telefone, sendo que deste total, 3,8 milhões entraram na internet por causa do aparelho.

Esse cenário comprova que o ambiente virtual é um campo amplamente aberto a pesquisas, estudos e a uma compreensão mais profunda do que de fato todas essas mudanças em curso – sejam elas tecnológicas ou de comportamento - possam significar. *Facebook* e o *Twitter*, por exemplo, se tornaram canais oficiais de informação e divulgação para diferentes gêneros de veículos da comunicação, transitando em todos os setores da sociedade. No Brasil, há 41,2 milhões de usuários do *Twitter*, conforme dados de junho de 2012 da consultoria francesa Semiocast. É o 2º país com mais 'tweeteiros', atrás dos Estados Unidos, com 141,8 milhões de usuários. Uma outra pesquisa do site Royal Pingdom<sup>6</sup>, de 2010, colocou o Brasil em quinto lugar entre os países com mais números de internautas, com 72 milhões de usuários. O Brasil ficou atrás da China, Estados Unidos, Japão e Índia. Comparando o número de população e usuários, quase um terço dos brasileiros acessa a rede, considerando a população do país de 196,6 milhões de

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://royal.pingdom.com/2011/01/12/internet-2010-in-numbers/>. Acessado em 3 de agosto de 2013.

habitantes<sup>7</sup>. No mesmo levantamento, a França ficou em 9º lugar, com 44,6 milhões de internautas. Neste caso, a porcentagem de franceses que acessam a internet é de 68 % frente aos aproximadamente 65,4 milhões de habitantes<sup>8</sup>. A Royal Pingdom traz que, no mesmo período, a Europa concentrou 475, 1 milhões de usuários da internet e a América Latina e Caribe tinham 204,7 milhões. Junta-se a essa realidade a multiplicação de *blogs*, *sites*, *podcasts*, *fanpages*, entre outros instrumentos de divulgação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do profissional jornalista no cenário brasileiro entra numa nova fase com a aprovação das Novas Diretrizes Curriculares que deverão entrar em vigor a partir de 2015. Do período beletista, assim denominado por José Marques de Melo por estar ligado aos cursos de Letras e de Filosofia, passando pelos primeiros cursos com laboratórios específicos até a explosão de vagas por todo o país, há uma longa história para ser contada e compreendida sob o pano de fundo do contexto sócio político nacional.

O Paraná, ao mesmo tempo que reflete esse cenário, tem em seus cursos, sua própria história de desenvolvimento espelhada e isso que pode ser observado nas suas matrizes curriculares e na absorção dos seus egressos pelo mercado de trabalho.

Os currículos dos cursos de jornalismo das oito universidades públicas e privadas muito nos revelam, nessa fase da pesquisa, sobre a formação do jornalista do século XXI.

O presente texto deixa perspectivas em aberto sobre a pesquisa que se propõe desenvolver nos próximos quatro anos no doutorado em Educação da UFPR. No entanto, delinea um cenário de incertezas sobre a formação do profissional jornalista para os próximos anos, pensando como as universidades públicas e privadas do Paraná, com cursos de jornalismo, preparam seus os alunos para enfrentarem um mercado que exige um profissional multifacetado frente às Novas Tecnologias da Informação e Comunicação.

---

<sup>7</sup> Fonte Banco Mundial (2011)

<sup>8</sup> Censo de 2010 do *Institut National de la Statistique et des Études Économiques* da França. Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos, em tradução literal para o português.

Neste contexto, a atual pesquisa também faz uma reflexão sobre a expressão “jornalista digital” difundida por Ferrari (2006), que exige a formação de um profissional multimídia, que acompanha a audiência da usa matéria em tempo real, além da necessidade de especialização acadêmica na área para formar alunos mediados pelas novas mídias. As reflexões sobre os cursos de jornalismo no Paraná poderão contribuir para a busca de uma pedagogia mais apropriada à formação do jornalista contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CADERNO de Teses. 7º Congresso Estadual dos Jornalistas – Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Curitiba: Sindijor/Pr, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999 . (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v.1).

COSTA, Carlos. **Novas Tecnologias e o ensino de Jornalismo**. Líbero – Ano XI – nº 22 – Dez. 2008. Disponível em:  
<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/6079/5544>. Acessado em 23 de agosto de 2013.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **Estudos de recepção: uma metodologia de análise dos meios de comunicação e a cultura escolar**. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria F. Braga; HORN, Geraldo Balduino. **Diálogos e Perspectivas de investigação**. Ijuí: Unijuí, 2008, p.95-119.

F/Radar - Panorama do Brasil na Internet. Disponível em:  
<http://www.fnazca.com.br/index.php/2013/12/20/fradar-13%C2%AA-edicao/>  
Acessado em 24 de março de 2014.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2012



FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

JACQUINOT, Geneviève. **La escuela frente a las pantallas.** 2ª ed. (tradução de Marta Marin) Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1985.

JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. **Novas Tecnologias, novas competências.** (Tradução de Rosa Maria Cardoso Dalla Costa) In: Revista Educar, n.31, jan-jun/2008. Curitiba: Editora UFPR, p.267-284.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Alice R.C. **Conhecimento Escolar: ciência e cotidiano.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999, p. 33 a 101.

MATTOS, Sérgio. **Os desafios das novas diretrizes do Curso de Jornalismo.** In Observatório da Imprensa, por IHU online em 28/01/2014, edição 783.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir: a função da universidade e os obstáculos para sua realização.** Florianópolis: Insular. 2012.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer? : como salvar o jornalismo na era da informação.** (tradutora Patrícia De Cia) - São Paulo: Contexto – 2007.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação.** São Paulo: Paulus, 2006.